

AS CONTRIBUIÇÕES DA FOLKCOMUNICAÇÃO E DA ETNOGRAFIA NA PRODUÇÃO JORNALÍSTICA¹

José Primitivo Leal Neto²

Luiz Custódio da Silva³

Resumo: Neste artigo, propomos discutir e demonstrar as contribuições do olhar folkcomunicação e da etnografia na produção jornalística sobre as manifestações populares. Com esse objetivo em mente, apresentamos uma revisão bibliográfica relacionado ao tema em questão. Em seguida, fazemos um relato de experiência, tendo como referência as visitas de campo realizadas para a coleta de dados sobre coco de roda do município de Gado Bravo/PB. Com isso, pudemos perceber a importância dessas ferramentas para a aproximação do jornalista dos personagens da reportagem. Ao final, concluímos que essas ferramentas ajudam a obter informações e relatos muito mais ricos, o que auxilia no momento de o repórter interpretar e retratar corretamente uma comunidade.

Palavras-chave: Folkcomunicação; Etnografia; Cultura popular; Reportagem; Coco de Roda

1 Introdução

Este relato de experiência é oriundo de um recorte da metodologia do relatório técnico que está sendo construído junto ao Mestrado Profissional em Jornalismo, pertencente ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba. O projeto apresentado ao programa tem como objetivo a produção de uma reportagem em dossiê digital sobre a história do coco de roda do município de Gado Bravo.

Estamos utilizando a etnografia como aporte para a produção da reportagem. A escolha é uma tentativa de aproveitar ao máximo as contribuições da metodologia para uma aproximação maior com a comunidade na qual está inserida os coquistas e os brincantes do coco. Essa preocupação advém da necessidade de um jornalismo que seja feito nas ruas e também como forma de fugir da produção jornalística exercida às pressas, e sem apuração adequada. Ações essas que contribuem para reforçar estereótipos culturais, principalmente quando se trata de manifestações populares.

Desse modo, tendo como parâmetro o processo de apuração da reportagem sobre o coco, discutimos e apresentamos a aplicabilidade da etnografia no jornalismo. Sugerimos também a

¹ Trabalho apresentado no GT Teorias da Folkcomunicação: Fundamentos e Metodologia da XX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

² Mestrando em Jornalismo pelo programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba - UFPB. E-mail: jose.primitivo.leal@gmail.com

³ Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo -USP. Professor titular da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB e do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: custodiolcjp@uol.com.br

contribuição do olhar folkcomunicação sobre os agentes populares como maneira de contribuir para a produção jornalística sobre cultura popular. Quanto ao aporte teórico, tomamos como apoio Oliveira (1996), Peirano (2014), Rovida (2015) e Carvalho (2018) para pontuar a utilização da etnografia, e Schmidt (2004), Woitowicz (2012) e Maciel e Silva (2013) para defender o apoio do olhar folkcomunicação no processo.

2 Olhar folkcomunicação na produção jornalística da cultura popular

A cultura ocupa um espaço significativo na vida das pessoas. De certa maneira, quando a população não está produzindo cultura ela está vivendo. A mesma percepção vale para a cultura popular, componente tão presente no cotidiano. É nesse contexto de significações que compreendemos a importância do jornalismo como mais uma ferramenta de fomento e difusão dessas manifestações. Contudo, historicamente, o jornalismo não faz uma cobertura robusta da cultura popular. Karina Janz Woitowicz e Sérgio Luiz Gandini, em artigo que estuda a “prevalência das lógicas de mercado na agenda midiática” na cobertura da diversidade cultural, salientam que:

A presença de matérias sobre temas da cultura popular, folclore e tradição, no entanto, fica distante ou é praticamente desconhecida das respectivas equipes de produção jornalística. Se comparado com a presença dos eixos temáticos que mais aparecem nos cadernos, como música, cinema e a as agendas de atividades culturais, tais temas são insignificantes (WOITOWICZ; GANDINI, 2017, p. 278).

O que fica evidente na cobertura jornalística cultural é o interesse das redações por temas pontuais e pela agenda de shows, exposições, festivais e apresentações. O que significa que não existe uma cobertura diversa. Ainda não muito distante desse tema existe a forma como algumas reportagens são conduzidas. A diversidade de tipos de pessoas e também de maneiras de se praticar determinadas expressões podem confundir os jornalistas no momento de retratar e interpretar essas manifestações. Muitas vezes, o resultado disso são reportagens repletas de imagens estereotipadas, que em nada contribuem para a cultura, pelo contrário, só reforçam o senso preconcebido com o qual as pessoas as enxergam. Isso “implica monumental desafio ético ao trabalho do jornalista, que deveria considerar os efeitos da disseminação dos estigmas que marcam distintos segmentos da sociedade [...]” (SILVEIRA, 2005 p. 34).

Nesse sentido, durante uma produção jornalística sobre as manifestações da cultura popular existe caminhos que podem ser trilhados pelos jornalistas. Nesse caso, a via possível pode ser encontrada na folkcomunicação, teoria da comunicação genuinamente Brasileira

pensada e estudada por Luiz Beltrão (1980). As contribuições podem ser dadas tanto nos encaminhamentos das pautas quanto nas entrevistas com os personagens.

Sendo assim, quais as características da teoria que poderiam dar suporte ao jornalismo na interpretação das manifestações populares? Como desdobramento inicial à questão apontamos que a folkcomunicação ao abordar as questões sobre a cultura e a comunicação, segundo Woitowicz (2012, p 2), “permite aprofundar o debate sobre jornalismo cultural e cultura popular, possibilitando reflexões centradas na relação entre a comunicação de massa e as manifestações que configuram a identidade dos grupos e comunidades[...]”. Nesse caso, é importante pensar as apropriações recíprocas e como elas acontecem e, acima de tudo, perceber como os meios de comunicação retratam a cultura popular. Essa perspectiva já demonstra a relação íntima da folkcomunicação com os desdobramentos comunicacionais tanto populares quanto massificados.

Ao observar essa relação, os caminhos para retratar as manifestações populares se ampliam e, com isso, os riscos de errar serão menores. Segundo evidencia Maciel e Silva (2013, p. 46) “a preocupação dos estudos da folkcomunicação é registrar a visão daquelas pessoas sobre o que elas estavam fazendo [...]”. A percepção apresentada pelas pesquisadoras é referente às possibilidades de estudos acadêmicos. No entanto, essa apreensão não só pode ser aplicada desse modo, mas também pode e deve ser aplicada no momento do cumprimento de uma pauta. O olhar folkcomunicacional aponta para a relevância dos personagens em uma apuração, principalmente do ponto de vista deles sobre suas vidas e histórias ou qualquer outro aspecto que interesse ao jornalismo.

Ainda sobre o aspecto de relevância e cuidado com o personagem, Schmidt (2004, p. 2), argumentando sobre uma metodologia adequada à folkcomunicação dentro do processo de pesquisa científica, infere que, “ao respeitarmos as aptidões individuais e os apelos do objeto, o desenvolvimento do projeto se dá de uma maneira mais rica e espontânea, e podemos contar com um ambiente mais criativo e envolvente [...]”. Nesse caso, se substituirmos a expressão projeto por reportagem, ainda assim teríamos uma argumentação coerente. Isso porque a autora alerta que, a partir do momento que exista um respeito pelos indivíduos e por suas necessidades, o trabalho a ser realizado, seja por um pesquisador ou repórter, é muito mais adequado e mais rico.

Para auxiliar ainda mais a relevância da visão folkcomunicacional para a apuração jornalística sobre as manifestações da cultura popular podemos contar com uma complementação:

O uso do método de pesquisa de observação (etnografia) é um complemento fundamental para a pesquisa folkcomunicacional. Construindo uma base sólida de

conhecimento e compreensão sobre a realidade regional, que permite apoiar estudiosos da mídia a tratar o tema relacionado ao dia a dia das classes subalternas, avaliando dentro de uma perspectiva mais aproximada do real (MACIEL; SILVA 2013, p. 47-48).

A etnografia é uma ferramenta que pode auxiliar o jornalista a avaliar as melhores formas de abordar temas relacionados as classes marginalizadas. A chave da importância da metodologia está, assim como salienta a autora, na possibilidade de melhor enxergar a realidade vivida por seus personagens.

A Folkcomunicação se torna uma perspectiva e, em certos aspectos, uma luz em um túnel marcado por uma constante oferta de serviços, produtos ou iniciativas que pouco se diferenciam da mesmice previsível, que se pauta por tendências e vícios do que 'é mais certo que vende' ou 'pode assegurar retorno' ao cenário midiático (WOITOWICZ; GANDINI, 2017, p. 279).

Essa defesa feita pelos autores ao uso da folkcomunicação, não só como uma perspectiva, mas como uma luz na prática do jornalismo, é um ponto chave para melhorar a prática do jornalismo cultural, especialmente no que diz respeito às manifestações da cultura popular. São possibilidades que poderiam ser adquiridas por meio dos estudos já realizados pela teoria e testadas durante a prática da reportagem. Isso pode ser observado, justamente, pelo conhecimento gerado pela folkcomunicação em estudar os meios populares de comunicação dos grupos marginalizados.

3 Abordagem etnográfica no jornalismo

Talvez, algumas visitas para a realização das entrevistas fossem suficientes para colher informações para a reportagem em dossiê digital, contudo, mais do que obter dados, queríamos compreender a manifestação cultural e suas personalidades. Por tanto, escolhemos a etnografia como método, um procedimento que permite uma aproximação maior com a comunidade. Não almejávamos simplesmente entrevistar e ir embora, ansiávamos passar mais tempo com as pessoas.

Oliveira (1996) enfatiza três etapas para a apreensão dos fenômenos sociais durante o exercício da pesquisa: o olhar, o ouvir e o escrever. No que diz respeito ao contato com o ambiente vivido pelos personagens, as duas primeiras etapas são mais importantes. Nesse sentido, a etnografia é a metodologia mais pertinente para o máximo aproveitamento dessas capacidades, pois ela exige uma aproximação não só com o campo de estudo, mas com os indivíduos e suas formas de viver.

Evidentemente, tanto Ouvir quanto o Olhar não podem ser tomados como faculdades totalmente independentes no exercício da investigação. Ambos se complementam e servem para o pesquisador como duas muletas (que não nos percamos com essa metáfora tão negativa...) que lhe permitem caminhar, ainda que tropeçante, na estrada do conhecimento (OLIVEIRA, 1996, p. 18).

O autor enfatiza que o olhar e o ouvir etnográfico auxilia na caminhada do pesquisador durante o tempo que ele passa em campo. Inclusive, se utiliza da metáfora das muletas como forma de explicar que essas etapas são fundamentais para que o investigador se apoie, visto que ele pode encontrar diferentes dificuldades durante o processo de observação e coleta de dados.

A adoção da etnografia para colher informações foi uma tentativa de unir a experiência etnográfica vivida por antropólogos e sociólogos à experiência de campo vivida por jornalistas na apuração de informações. Com isso, uma reportagem, por exemplo, ganha mais vivacidade, valor e fluidez. De certa maneira, essa experiência pode proporcionar ao jornalista formas diferenciadas de visualizar seus personagens e o ambiente no qual eles estão inseridos.

Nesse sentido, “etnografia não é apenas um método, mas uma forma de ver e ouvir, uma maneira de interpretar, uma perspectiva analítica, a própria teoria em ação” (PEIRANO, 2014, p. 3). Podemos compreender que a etnografia pode ser muito mais do que um método ou um tipo de pesquisa. A metodologia é, segundo a autora, uma teoria vivida, ou seja, acontece na prática.

Dentro do jornalismo, a reportagem é o campo privilegiado no qual uma espécie de prática etnográfica pode ser experimentada, embora venha a se parecer mais com uma ‘caricatura’ da etnografia, na qual falta uma preocupação com a ‘totalidade’, com a inserção do acontecimento cotidiano na totalidade das práticas vividas no bairro ou na cidade (GIRARDI JUNIOR, 2000, p. 205).

Podemos encontrar na reportagem uma possibilidade de utilização das técnicas da etnografia. Obviamente que esse tipo textual jornalístico não consegue alcançar a totalidade que um estudo monográfico conseguiria alcançar se utilizando dessa mesma técnica. Nesse caso, não é de responsabilidade da reportagem alcançar a totalidade de um objeto, essa deve ser perseguida, mas nunca alcançada, já que isso só pode acontecer por meio da ciência.

Com relação ao total do trabalho de campo realizado dentro do mestrado, estamos empregando três instrumentos para auxiliar a etnografia: 1) a observação empírica, fundamentada por Roviola (2015), no artigo etnografia e reportagem jornalística: aproximação possível para uma metodologia de pesquisa empírica; 2) a entrevista e 3) o diário de campo, que são respaldados nos encaminhamentos feitos por Benjamin (2017) no texto pesquisa em narrativas orais. No entanto, neste artigo iremos abordar apenas as questões relacionadas à observação e a entrevista.

No início do estudo, cogitamos a utilização da observação participante, pelo fato de ser um instrumento interessante para a coleta de informações sobre o coco. Como o próprio nome sugere, ela se dá em duas perspectivas: exige tanto a observação quanto a participação do pesquisador. Rovida (2015, p. 78) salienta que o trabalho de campo da etnografia compreende em “ouvir as pessoas e, principalmente, observar para compreender aquilo que se passa; o que nos leva à chamada observação participante. O termo tem gerado algum desconforto e seu uso carece de algumas ponderações.”

Angrosino, 2009; Haguette, 2010 e Silva e Fantinel, 2014 defendem que, para acontecer uma observação participante na acepção mais pura do termo, deve haver muito tempo de estudo. Além disso, o pesquisador deve participar das atividades das pessoas que está observando – dormir, comer as mesmas coisas, trabalhar nas mesmas atividades, entre outras ações. Analisadas todas essas questões, entendemos que é necessária uma alternativa para resolvê-las. Portanto, como alternativa, usaremos a expressão indicada por Maria Ferreira Rovida: “objetivando evitar o desconforto causado pelo termo ‘observação participante’, tem-se como saída a adoção de expressões como observação empírica ou observação de campo e trabalho de campo” (ROVIDA, 2015, p. 79). Dessa maneira, passamos a utilizar a expressão observação empírica como alternativa à expressão observação participante.

Com essa escolha, levamos em conta também a questão do tempo que o jornalista tem para fazer uma matéria. Não há valor em uma sugestão que não pode ser cumprida. Nesse sentido, compreendemos que as contribuições que a observação empírica pode oferecer ao repórter no contato como os personagens da matéria são de grande valia. Por isso, ressaltamos que o uso desse instrumento pode ser mais adequado àqueles profissionais que têm *sites* ou blogs e, que por isso, podem usufruir desses espaços com mais liberdade para produção de reportagens. No entanto, a observação empírica também pode ser utilizada por profissionais de empresas de comunicação. A ressalva é só uma forma de mostrar que, por algumas questões, como falta de tempo, sobrecarga de trabalho, demissão de profissionais e número reduzido de jornalistas, esse tipo de instrumento é difícil de ser empregado, mas não é impossível.

As referidas questões desencadeiam outros problemas, como jornalistas presos nas redações desenvolvendo o papel do chamado jornalista sentado⁴. Dificilmente, essa combinação não constituirá um jornalismo frágil na apuração e no contato com os acontecimentos. Nesse caso, “uma resposta a esse jornalismo de ritmo frenético e conteúdo superficial pode vir da valorização do

⁴ Segundo Carvalho (2018, p. 61), o jornalista sentado é “um profissional que dificilmente deixa a redação e cujo trabalho é, prioritariamente, reescrever de maneira rápida e sintética textos de agências de notícias ou adaptar conteúdo televisivo para o jornal impresso.

trabalho de campo “nas ruas”, com a adoção de métodos da etnografia, como a observação participante” (CARVALHO, 2018, p. 61). O autor ressalta, justamente, o uso dos métodos etnográfico pelo jornalismo como forma de resposta ao conteúdo superficial. Cramer e McDevitt (2014) também destacam que a etnografia pode ser uma maneira dos jornalistas conhecerem os grupos invisíveis ou retratados de maneira estereotipada pelas notícias.⁵

Para além dessa técnica, empregamos também a entrevista. Na verdade, não há como fazer uma reportagem sem entrevistas. Nesse sentido, é imprescindível o uso e o auxílio dessa ferramenta nesta pesquisa. Existe vários tipos de entrevistas: as estruturadas, não estruturadas, em profundidade, compreensivas entre outras. Neste trabalho, utilizamos a visão de entrevista do professor Roberto Benjamin, que não se trata de uma tipologia de entrevista. São compreensões dele sobre o processo correto para coletar narrativas orais, que são as fontes principais da reportagem que está sendo desenvolvida no mestrado em jornalismo na Universidade Federal da Paraíba.

A entrevista é um momento que exige uma aproximação do jornalista com os personagens, é o tempo em que o entrevistador poderá olhar nos olhos das pessoas e tentar compreender tudo aquilo que observou ou que leu sobre. Nesse sentido, Medina (1995) salienta que o ato dialógico de entrevistar não é uma coisa idealista, mas é uma necessidade de entender melhor o outro. O professor Roberto Benjamin se inspirou na caracterização de entrevista apresentada por Maria Isaura Pereira de Queiroz⁶ para propor encaminhamentos para esse momento. Observando as diferentes modalidades conceituadas pela autora, Benjamin (2017, p.147) salienta:

Em nenhum dos casos, o pesquisador pode se dispensar da preparação prévia para a realização da entrevista. É evidente que, para a coleta de narrativas, a entrevista de pesquisa se aproxima do tipo três, mas pelo menos inicialmente, a conduta de pesquisa se aproxima do tipo número dois, isto é, da entrevista com roteiro.

A entrevista do dia a dia do repórter tem início e fim pré-estabelecidos, é muito mecânica, não há muitas possibilidades de fugir disso. Dessa forma, o formato de entrevista sugerida pelo autor é uma fusão entre entrevistas com roteiro, que no caso do repórter é a pauta, e realmente livre, que é a possibilidade de o entrevistado discorrer livremente sobre o assunto. O que se evidencia nesse caso é um cuidado em ouvir. O mais importante é o que o personagem tem a

⁵ Tradução nossa.

⁶ A autora utilizou esta concepção de entrevista para coletar os relatos de trabalhadores de São Paulo: 1) Entrevista rigorosamente orientada por perguntas do pesquisador, numa utilização do diálogo, em que falam alternadamente o pesquisador e o informante, este não tendo liberdade de conduzir a conversa, nem tendo a iniciativa de fala; 2) entrevista com roteiro, ou semi-orientada, em que o pesquisador de tempos em tempos efetua uma intervenção para trazer o informante aos assuntos que pretende investigar; o informante fala mais do que pesquisador, dispõe de certa dose de iniciativa, mas na verdade quem orienta todo o diálogo é o pesquisador; 3) finalmente, entrevista realmente livre, em que o pesquisador, depois de um breve diálogo inicial, limita ao máximo, realmente, suas intervenções, de tal modo que a fita registre um verdadeiro monólogo do informante, ou ainda que a entrevista se aproxime bastante do que seria a fala do indivíduo consigo mesmo, o solilóquio (QUEIROZ, 1991, p. 58).

dizer e não o que o entrevistador quer perguntar. Ainda sobre o assunto, Benjamin (2017) salienta a necessidade de uma elaboração prévia de um roteiro para saber o que questionar e também ter argumentos para a interação. O autor pontua ainda que não deve existir limite de tempo para as entrevistas, a conversa só deve ser encerrada quando o personagem cansou ou não tem mais o que falar ou a continuidade está sendo inconveniente devido alguma atividade a ser realizada pelo personagem.

Mesmo dentro do campo etnográfico há uma preocupação com a relação entre pesquisadores e personagens, principalmente no que diz respeito ao momento do primeiro ouvir o segundo. Oliveira (1996, p. 20), por exemplo, ressalta que, “a rigor, não há verdadeira interação entre nativo e pesquisador, porquanto na utilização daquele como informante o etnólogo não cria condições de efetivo ‘diálogo’.” O autor compreende que esse problema advém do fato do etnógrafo exercer um determinado “poder” sobre o “informante”. Nesse sentido, essa relação tornará o ato de entrevistar em uma falsa interação. Enquanto o pesquisador/entrevistador só enxergar o nativo como mero informante, não haverá uma verdadeira interação entre eles. A sugestão para superar esse problema de interação é a “relação dialógica” entre ambos. De acordo com Oliveira (1996, p. 20-21) essa relação

Faz com que os horizontes semânticos em confronto - o do pesquisador e o do nativo - se abram um ao outro, de maneira a transformar um tal "confronto" num verdadeiro "encontro etnográfico". Cria um espaço semântico partilhado por ambos os interlocutores, graças ao qual pode ocorrer aquela "fusão de horizontes" (como os hermenêutas chamariam esse espaço), desde que o pesquisador tenha a habilidade de ouvir o nativo e por ele ser igualmente ouvido, encetando um diálogo teoricamente de "iguais", sem receio de estar, assim, contaminando o discurso do nativo com elementos de seu próprio discurso.

Nesse caso, o autor entende que o verdadeiro diálogo é um momento de partilhamento de conhecimentos, é um espaço intermediário no qual o pesquisador e o nativo se encontram com o intuito de mudar, nem que seja um pouco, o outro. A partir desse momento de trocas, principalmente de experiências, há um diálogo que se torna possível graças à relação de “igualdade” entre entrevistador e nativo. Essas características permitem a quebra de distâncias, nesse momento não há diferença entre quem pergunta e quem responde, ambos estão no mesmo patamar.

4 As teorias vividas

Os conceitos trabalhados anteriormente estão sendo aplicados durante a reportagem em dossiê digital sobre o coco de roda de Gado Bravo. O município está localizado no agreste paraibano, na região imediata de Campina Grande. O material em questão faz parte do projeto de mestrado em jornalismo que está em andamento na Universidade Federal da Paraíba. Essa experiência etnográfica está sendo desenvolvida durante a interação com os personagens,

iniciada no dia 22 de março de 2021. Até o momento já realizamos dez entrevistas⁷, com cerca de 16 visitas e 23 horas entre conversas, observação empírica, gravações de vídeos e capturas de fotos. O objetivo dessas ações foi registrar a memória da manifestação do coco de roda do lugar por meios das narrativas orais das pessoas, principalmente daquelas que estão diretamente envolvidas com a expressão.

Iniciamos a preparação para a reportagem com as leituras sobre o coco, a cultura popular e as metodologias possíveis, mas sobretudo com as primeiras visitas feitas a cada uma das pessoas que foram entrevistadas até o presente. Esses deslocamentos iniciais foram muito importantes à medida que permitiu uma aproximação maior com cada personagem. Todos esses cuidados foram tomados a partir das contribuições de Benjamin (2017) sobre a necessidade de uma preparação antecipada para as entrevistas e também para a argumentação que fosse necessária durante o momento.

Para fazer essas visitas prévias, foi preciso descobrirmos os locais onde os informantes moravam. Os endereços foram surgindo a partir de informações dadas pelos próprios moradores do município. A partir do primeiro encontro, que foi com os familiares do coquista Zé de Marina, os demais domicílios foram surgindo conforme cada deslocamento acontecia. As conversas iniciais com os entrevistados aconteceram apenas com dados sobre a ligação clara com o coco de roda e o local de residência. As informações como, por exemplo, número de celular, nome completo e trabalho só foram obtidas a partir do primeiro contato.

Optamos por não levar câmera, celular, gravador ou caderno para os primeiros encontros. Esse cuidado foi tomado para causar o mínimo de estranhamento nas pessoas. As únicas ferramentas presentes nessas ocasiões foram uma folha de papel e uma caneta. Essas visitas tiveram como intuito fazer um levantamento de informações, apresentação pessoal e profissional do jornalista, propósito do projeto e, principalmente, o convite para a participação dos personagens na reportagem e também para marcação de uma data conveniente para que cada um deles pudessem conversar.

Nesses primeiros contatos, também foram abordadas questões sobre a pessoa, nome, trabalho, a relação com a manifestação. Surgiram também questionamentos de todas as pessoas com as quais conversamos. Os personagens quiseram saber os parentescos do jornalista, pai ou mãe, o lugar onde morava e se ganharia algum retorno financeiro com a matéria. Durante esse momento dialógico, os indivíduos também recordaram pessoas e lugares que são comuns tanto para eles quanto para o jornalista. Eles tocaram em assuntos que perpassa o cotidiano do lugar,

⁷ Assim são conhecidos os entrevistados no município: os coquistas Vital Costa, Zé da Veia, Pimbó, Zé de Marina, Chico Pixaim, Didi e Josinaldo Marinho, os respondedores do coco Antônio Onório e Lindalva Sabino e o brincante Antônio José.

como a falta de chuvas, a alta da ração para o gado, o cultivo de palmas resistentes a cochonilha do carimim e a pandemia do novo coronavírus e como ela tem afetado suas vidas e participações nas brincadeiras do coco. Essas foram demandas que surgiram durante os primeiros diálogos e não foram ignoradas. Oliveira (1996) denomina momentos como esse de “encontro etnográfico”, no qual o nativo é ouvido pelo pesquisador e por ele também é ouvido, sem medo que haja uma contaminação do discurso do personagem.

Após as primeiras visitas, veio a elaboração da pauta, com síntese geral e direcionamento geral da reportagem, síntese e direcionamento para a entrevista, o levantamento de pontos para possíveis questões e encaminhamentos para captura de vídeo, fotografias e áudio. Com relação ao formato da entrevista, transitamos entre o modelo com roteiro e realmente livre (QUEIROZ, 1991). O próprio entrevistado nos indicava qual escolher na ocasião. Isso porque, ao iniciar a conversa, percebíamos se ele falaria sem nenhuma intervenção ou se necessitaria de estímulo por meio de perguntas. De certa maneira, foram os entrevistados que definiram também o tempo que passamos com cada um, porque o diálogo só foi encerrado quando eles diziam que não sabiam ou não recordavam de mais nada. Por exemplo, as conversas com alguns deles, como Zé de Marina, Vital Costa e Didi levaram mais de três horas cada. Já com outros, como Antônio Onório e Lindalva Sabino, foram pouco mais de uma hora. Nesse caso, não houve um limite de tempo específico para cada entrevista, assim como sugere Benjamin (2017).

A etnografia também preconiza um prolongamento, o que também nos permitiu passar mais tempo em campo e, por conseguinte, mais tempo com os entrevistados. Mesmo ela não acontecendo de maneira participante – dormir junto, comer as mesmas coisas ou trabalhar nas mesmas atividades, houve uma apreensão do cotidiano dos personagens. Por meio do olhar folkcomunicação sobre os entrevistados, veio à tona o modo de sobrevivência, de diversão, a família, as questões que incomodam no mundo e no próprio espaço onde vivem.

Com relação a isso, vamos apontar alguns aspectos da vida dos entrevistados que podem ser tidos como exemplo. Para contextualizar, vamos relatar algumas experiências etnográficas vividas. Iniciando, o contato com o coquista Zé de Marina aconteceu em três momentos: no primeiro, ele não estava em casa, tinha ido tirar capim para os animais nas terras do irmão dele, localizadas no sítio Tapuia; no segundo, sabíamos que ele estaria em casa no dia, já que sua filha Janeide havia informado por meio de mensagem. Mesmo assim, ao chegarmos na residência, ele não se encontrava, pois havia ido vender o leite das suas vacas ao vizinho. Zé de Marina só chegou em seguida, após alguns minutos de espera; na terceira visita, então, aconteceu a gravação de músicas de coco de sua autoria, a entrevista com relatos dele sobre as festas de coco que participou, com quem e como aprendeu a cantar coco de roda e a dificuldade

em adquirir a primeira caixa para tocar. O coquista também compartilhou as dificuldades que teve para parar de fumar, os problemas que enfrentou ao ser picado por uma cobra ao trabalhar capinando mato no roçado de milho e feijão e como enfrentou um longo processo de recuperação após fraturar uma das pernas. A esposa dele, Maria Salomé, também fez questão de contar sua história de vida.

Já o encontro com o coquista Vital Costa ocorreu em duas ocasiões: na primeira, o encontramos trabalhando no curral, ele estava cortando palma para as vacas que cria; na segunda, que foi combinado para uma terça-feira à tardezinha, o coquista também estava trabalhando, inclusive esperamos por mais de duas horas para que ele pudesse gravar. Antes das gravações das músicas e dos relatos, Vital, com a ajuda de dois filhos, cortou a palma, ordenhou as vacas, deu comida aos porcos, deu ração ao gado e só depois que terminou foi para sua residência para gravar.

O contato com o coquista Pimbó também aconteceu em três oportunidades: na primeira, que foi à tarde, ele não se achava em casa, estava trabalhando para um fazendeiro do sítio Rosilha; na segunda, que foi pela manhã, o coquista também não se encontrava, havia ido trabalhar mais uma vez na fazenda. Então, nos deslocamos até essa propriedade para ter o primeiro contato. Encontramos Pimbó aplicando herbicida para eliminar as plantas da lavoura de palma, e ali mesmo conversamos; na terceira, mesmo tendo marcado a visita anteriormente, ao chegarmos a sua residência, ele já estava de saída para ir pescar no rio Paraíba que fica próximo à sua casa. Ainda assim, conseguimos, por fim, gravar as músicas, tirar fotos e entrevistá-lo.

Podemos perceber, por meio desses três exemplos, um pouco do dia a dia dos agricultores, que além de serem coquistas, atividade que exercem durante as festas dos santos católicos, aniversários e festas promovidas por políticos e por bares da região, também trabalham na agricultura e na pecuária de subsistência, atividades que exercem mesmo já sendo aposentados. Nas conversas que tivemos com os três, ficou evidente o orgulho que cada um tem em ser coquista e trabalhador da terra.

Nesse sentido, a etnografia não apenas como método, mas como uma teoria vivida (PEIRANO, 2014), permitiu, por meio do olhar e ouvir, perceber esses aspectos da vida dos três coquistas mencionados. Se não fosse esse tempo a mais que a etnografia recomenda, essas nuances se perderiam. Se tivéssemos utilizado a forma comum de produção jornalística, isto é, uma ligação para marcar dia e hora para a entrevista, teríamos perdido essas descobertas, pois encontraríamos os coquistas sentados em suas casas à espera da entrevista.

5 Considerações finais

Pensamos e discutimos a aplicação da visão folkcomunicação e da etnografia na produção jornalística sobre as manifestações populares. Para isso, utilizamos enquanto objeto empírico as visitas e as entrevistas que já foram realizadas com os personagens do coco de roda. Com as reflexões feitas ao longo do trabalho, pudemos perceber a importância da aproximação entre as ferramentas da pesquisa social e do trabalho do repórter.

As ideias recomendadas pelo método etnográfico para o trabalho de campo permitiram uma maior conexão com os indivíduos participantes da reportagem. Com isso, conseguimos nos aproximar tanto dos coquistas e dos brincantes quanto do espaço onde eles vivem. Isso porque além de conhecermos suas casas, familiares, suas músicas e instrumentos, tivemos contato também com a comunidade onde cada um mora, local de trabalho e tipo de atividade que exercem. Esse conhecimento rendeu uma maior abertura para conversar com essas pessoas e, acima de tudo, permitiu inspirar a confiança necessária para que eles, além de relatarem seus conhecimentos sobre a manifestação do coco também contassem mais sobre suas vidas.

A preocupação com o outro, com o que ele tem a dizer e mostrar, fazem da folkcomunicação e da etnografia teorias que se complementam. Nesse sentido, os aspectos que foram percebidos durante as tentativas de contato com os personagens nos mostraram que, de fato, essas metodologias só têm a contribuir com a produção jornalística, sobretudo durante o trabalho de apuração realizado pelo repórter.

Esse apoio é ainda mais rico à medida que sugere que jornalista se desloque para o campo, que ele passe mais tempo conhecendo os personagens e suas histórias do que sentado em frente ao computador e ao telefone ou que simplesmente chegue na rua pegue uma declaração e vá embora. Ao sair para cumprir uma pauta, o repórter tem que entender que está colhendo mais que falas, está apreendendo histórias de vida, que por sua vez estão imbuídas de memória, afeto, dor, amor, saudade e alegrias.

Com isso, chamamos a atenção para a necessidade do profissional do jornalismo se transportar para a realidade do outro, isso com objetivo claro de entender e apreender os costumes, a cultura, o modo de vida e de trabalho, tudo isso como maneira de melhor interpretar e retratar as manifestações populares e os seus agentes folkcomunicacionais.

Durante a experiência relatada neste trabalho, até mesmo as visitas que não deram certo, por não ter cumprido o objetivo inicial que era de conversar com o personagem desejado, foi possível absorver informações sobre o assunto. A etnografia permitiu visualizar o lugar onde cada pessoa visitada vive, as estradas de terra esburacadas e a relação de vizinhança, que ficam

evidente pelo fato de todos se conhecerem em um determinado raio ou as referências sobre algum parente conhecido por todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artemed, 2009.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

BENJAMIN, Roberto. Pesquisa em narrativas orais. In: FERNANDES, Guilherme Moreira *et al* (org.). **Roberto Benjamin: pesquisas, andanças e legado**. Campina Grande: Eduepb, 2017. p. 09-323.

CARVALHO, João Noé Alves de. Possíveis contribuições da etnografia para o estudo e a prática do jornalismo em tempos de crise. **Fronteiras - Estudos Midiáticos**, [S.L.], v. 21, n. 1, p. 60-71, set. 2018. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2019.211.07>. Acesso em: 18 nov. 2020.

CRAMER, Janet; MCDEVITT, Michael. *Ethnographic journalism*. In: IORIO, Sharon Hartin (ed.). **Qualitative research in journalism: taking it to the streets**. New York: Routledge, 2014. p. 03-264. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/mono/10.4324/9781410609557/qualitative-research-journalism-sharon-hartin-iorio>. Acesso em: 20 nov. 2020.

GIRARDI JR, Liráucio A reportagem como experiência etnográfica. **Anuário de jornalismo**, São Paulo, v.2, n.2, p. 198 - 213, 2000.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2010.

MACIEL, Betânia; SILVA, Shirley da. Folkcomunicação e Modernidade: caminhos e perspectivas para o desenvolvimento local. **Caderno de Graduação - Humanas e Sociais - UNIT - PERNAMBUCO**, Recife, v. 1, n. 2, p. 45-52, nov. 2013. Disponível em: <http://periodicos.set.edu.br/facipehumanas/article/view/1199>. Acesso em: 15 maio. 2021.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1995.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 13-37, jun. 1996. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111579>. Acesso em: 18 nov. 2020.

PEIRANO, Mariza. Etnografia, ou a teoria vivida. **Ponto Urbe**, São Paulo, n. 2, p. 01-11, out. 2014. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1890>. Acesso em: 14 abr. 2020.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva. São Paulo: T. A Queiroz, 1991.



redefolkcom

XX Conferência Brasileira de Folkcomunicação

São Luís, 29 e 30 de junho, 01 e 02 de julho de 2021 - UFMA

Página 22 de 806



ROVIDA, Mara Ferreira. Etnografia e reportagem jornalística: aproximação possível para uma metodologia de pesquisa empírica. **Líbero**, São Paulo, v. 18, n. 35, p. 77-88, jan., 2015. Disponível em: <http://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/71>. Acesso em: 21 maio 2019.

SCHMIDT, Cristina. Folkcomunicação: uma metodologia participante e transdisciplinar. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, Ponta Grossa, v. 2, n. 3, p. 01-08, jun. 2004. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/574/408>. Acesso em: 15 maio 2021.

SILVA, Alfredo Rodrigues Leite da; FANTINEL, Letícia Dias. Dilemas e implicações do uso da observação enquanto técnica em detrimento da etnografia. In: ENANPAD, 38., 2014, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Anpad, 2014. p. 01-16. Disponível em: http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2014_EnANPAD_EOR2340.pdf. Acesso em: 18 nov. 2019.

SILVEIRA, Mauro César. O jornalismo como usina de preconceito: a propagação de estereótipos nos países do mercosul e o caso paraguaio. **ALAIC**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 32-43, jan. 2005. Disponível em: http://www.eca.usp.br/associa/alaic/revista/r2/art_03.pdf. Acesso em: 15 maio 2021.

WOITOWICZ, Karina Janz. A cultura popular na agenda midiática: aspectos da produção jornalística no espaço cultural dos webjornais paranaenses. **Comunicação, Cultura e Sociedade**, Tangará da Serra, v. 1, n. 1, p. 01-14, dez. 2012. Disponível em: <https://docplayer.com.br/12999154-A-cultura-popular-na-agenda-midiatica-aspectos-da-producao-jornalistica-no-espaco-cultural-dos-webjornais-paranaenses-karina-janz-woitowicz-1.html>. Acesso em: 15 maio 2021.

WOITOWICZ, Karina Janz; GADINI, Sérgio Luiz. Jornalismo, produção cultural e lógicas de mercado: contribuições da folkcomunicação para a análise do jornalismo cultural. **Alaic**, São Paulo, v. 14, n. 27, p. 272-281, nov. 2017. Disponível em: <https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/1035/499>. Acesso em: 16 maio 2021.